

ARTIGO

AS SAPATILHAS DE JACKSON NINGUÉM ADMINISTRA

*Para o amigo tão querido,
Ronald Kapaz*

fevereiro de 2010

*This is it! ou Ce n'est pas tout?
É isso! ou Isso não é tudo?
Michael Jackson ou Claude Lévi-Strauss?*

Em 2009, perdemos duas pessoas célebres. Jackson faria o show This is it! Lévi-Strauss ensinava dizendo Ce n'est pas tout. Ronald Kapaz percebeu que essa diferença de propostas, de alguém que vive com o corpo, de outro que avançou o campo da mente, era linda pauta para a revista que ele edita, Cara&Coroa. Agradeço o convite de redação. Este artigo é o esboço não publicado. Lendo-o e discutindo a forma da revista, vimos que os artigos não deveriam citar Strauss e Jackson. A nova versão, posteriormente aprovada, chamou-se "A beleza do achado" e estudou a arquitetura de Frank Gehry e o design de Fernando & Humberto Campana, para mostrar as mesmas dimensões aqui apresentadas.

Em Freud, eles se encontram. Jackson + Strauss. O primeiro psicanalista da História dizia que o inconsciente comporta contradições.

Lévi-Strauss, antropólogo, trombou em seus estudos com o limite do pensamento investigativo e assumiu por mote a pequena frase: *Ce n'est pas tout*. Ao apresentar seus conceitos e idéias, acostumou lembrar seus leitores e alunos: *Isso não é tudo*.

Há sempre mais a pensar. O problema pode ser sempre maior e mais complexo. Na lógica, Gödel faz a prova: não haverá descrição do mundo que seja bastante para engolfar o mundo. Pobre ego humano, condenado a estar sempre aquém da sua tarefa de controle, no amor, na educação, no trabalho, na política. Sob a vigia do ego, de seus mitos e ciências, um fenômeno bandido qualquer sempre escapa. O mais perfeito sistema de segurança sempre tem uma inteligência e uma força capazes de violação. Todo software tem seu hacker. Nada do que pensarmos esgotará as questões.

Se é assim, estamos não apenas com Lévi-Strauss, mas também e antes de tudo com Freud. O psicanalista tentou explicar tudo e foi vencido por um inconsciente irreduzível. Ele constatava, ao final da vida, que interpretar o homem era uma tarefa interminável (1937).

Ao perceber que nossa intimidade é ingovernável, anunciou como nosso narcisismo vinha abaixo. O início da queda foi com os estudos cosmológicos conhecidos a partir de Copérnico, quando o homem descobriu que não é o centro do Universo e nem mesmo de seu pequeno sistema planetário, que não gira em torno da Terra, mas do Sol. Em seguida, uma segunda revolução acontece com os trabalhos biológicos de Darwin. O homem já não seria nem mesmo o centro da vida em seu planeta – era apenas um resultado fortuito na História das espécies. Enfim, a descoberta freudiana desferiu o terceiro e último golpe: com o inconsciente, o homem já não é nem o centro de si mesmo. O ego não é senhor em sua própria casa – diz Freud, em 1917.

Ele descreveu naquele tempo como o ego tenta trabalhar: “Para um funcionamento adequado, é necessário que a mais elevada dessas instâncias tenha conhecimento de tudo o que está acontecendo, e que sua vontade penetre em tudo, de modo que possa exercer sua influência. E, com efeito, o ego sente-se seguro quanto à integridade e fidedignidade das informações que recebe, bem como quanto à abertura dos canais através dos quais impõe suas ordens”. Mas algo insiste em surpreendê-lo. Pega-o pelas costas, aparece em sonhos, em lapsos de fala, em compulsões e gestos, desentendimentos e desejos desviantes que atormentam tanto mais quanto mais tentarmos administrar nossas vidas. Se o ego quer ser bom, algo em nós é mau. Se ele quer ir bem, algo sai mal e vem dizer à ordem humana: *Ce n'est pas tout*.

Diante da descoberta, Freud teve a delicadeza de criticar sua própria teorização – chamou-a de “feiticeira”. Estava certo apenas de sua incerteza. A psicanálise, e qualquer cuidado com o ser humano, só é exata quando não está baseada no que podemos saber, e sim no impossível. Numa análise, a pessoa terá que tentar entender o que é diferente de si, até ficar bem avisada do limite das suas posições. Até se dar conta de como seu limite é sua peculiaridade, sua diferença radical, seu pequeno tesouro na Humanidade. De repente, *This is it!* – a análise se torna terminável bem nesse ponto.

É como se a experiência humana nos levasse inevitavelmente da postura de Lévi-Strauss à de Michael Jackson. Da cabeça baixa de Freud diante da tentativa de uma feitiçaria perfeita que não foi possível, chegamos a Lacan, cinquenta anos mais tarde, para fazer uma clínica inadministrável como sua figura pessoal. Lacan foi o psicanalista que, ao invés de apostar no benefício da explicação e do bom juízo, indicou um remédio virtuoso no equívoco, nos gestos, em qualquer pequeno traço da polêmica presença humana.

Se a questão, para Freud, era suportarmos o corte em nosso narcisismo, Lacan fez uma clínica que valorizava o corte do discurso e suas reedições, com múltiplas interpretações abandonáveis, privilegiando a presença ao pensamento.

Trabalhava afinado com Pablo Picasso, quando o pintor disse: “Eu não procuro, eu encontro”. *This is it!* Sua clínica detectava achados na fala do analisando, para que ele se surpreendesse consigo mesmo até o auto-estranhamento. Não era mais um tratamento que procurasse gerir o inconsciente. Se ele é ingovernável, basta encontrá-lo e aprender a virar-se com ele – com ele e os amores insistentes, planos que mudam, moralizações impossíveis, angústias. Lacan operava o encontro. Muito diferente de Lévi-Strauss, e um tanto diferente também de Freud, ele interrompia as sessões quando percebia gestos e palavras que abrissem ao inconsciente do analisando. Não importava se aparecessem após dois minutos ou duas horas. Em seu consultório em Paris, muitas vezes Lacan dizia, subitamente, *C'est ça!* – *This is it!* – e deixava cada um dar conta de seu achado pessoal.

Neste aspecto, a psicanálise lacaniana não nos dirige à crença na virtude da administração, nem tampouco à decepção que muitas vezes sentimos em Freud, por não ter podido tudo interpretar. Lacan, freudiano radical, propôs-se a lidar com o que nos atravessa, não assentado sobre a dor do erro nas conclusões ou o pessimismo da busca

sempre insatisfeita, mas com uma convicção na beleza do achado, dos afetos consumados, de cada gesto de realização ou destruição perfeita que o homem é capaz de conduzir.

Ele dizia que, se quisermos saber para onde vai uma pessoa, é preciso olhar não sua cabeça, mas os pés.

A clínica do *C'est ça!*, do espetáculo do *This is it!*, realça tudo o que, para nossa surpresa (já que nossa previsão *não é tudo*), conseguimos fazer como seres humanos. Amar perdidamente. Destruir-nos. Andar na Lua. Negar nossas convicções. Acreditarmos piamente em nossas razões. Levamos uma análise até uma forma muito especial de felicidade ética. Desenhar como Picasso. Dançar até com a voz, como Michael Jackson.

Não somos o centro do Universo, da vida ou de nós mesmos, mas, que maravilha, como podemos dançar!